"Da Grécia veio esta história...": Leituras do feminino em Apuleio (Roma, século II d.C.)

"From Greece came this story ...": Readings of the feminine in Apuleius (Rome, 2nd century AD)

Marcos Luis Ehrhardt[*]
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Maitê Carla Scottini Padilha[**]
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo

A narrativa de Apuleio, mais especificamente sua obra "O Asno de Ouro", mostra-se um campo possível para discutir e problematizar as expressões e representações do feminino e seus comportamentos da e na sociedade romana do segundo século depois de Cristo. Ao escolher uma fonte de natureza literária, traçamos uma aproximação entre literatura e História, no entanto não confundimos as especificidades de cada área. O uso da literatura pela história passa pelo lugar de onde se enuncia o problema e as perguntas que se fazem devem estar ancoradas e justificadas no campo da história. Convém salientar que textos literários são documentos fundamentais para o estudo da Antiguidade. No âmbito do estudo sobre as mulheres, tal tema tem crescido significativamente nos últimos anos. Tais investigações alinham-se com os atuais debates historiográficos, os quais passaram a privilegiar também aspectos singulares e as ações sociais de indivíduos.

Palavras-chave: Apuleio; feminino; Literatura; Antiguidade.

Abstract

Apuleius' narrative, more specifically his work "The Golden Ass", is a possible field for discussing and problematizing the expressions and representations of the feminine and its behaviors of and in the Roman society of the second century after Christ. In choosing a source of a literary nature, we draw an approximation between literature and history, however we do not confuse the specifics of each area. The use of literature by history goes where the problem is stated, and the questions asked must be grounded and justified in the field of history. It should be noted that literary texts are fundamental documents for the study of antiquity. In the study of women, this theme has grown significantly in recent years. Such investigations are in line with current historiographical debates, which have also privileged singular aspects and the social actions of individuals.

Keywords: Apuleius; female; Literature; Antiquity.

● **Enviado em: 01/07/2019**
● **Aprovado em: 31/07/2019**

[*] Professor Associado do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Unioeste – campus de Marechal Cândido Rondon/PR.
[**] Graduanda do curso de História da Unioeste – campus de Marechal Cândido Rondon/PR

É em um tom descontraído que Apuleio indica a leitura de sua obra "Da Grécia veio esta história... Ela vai-te alegrar"[1]. De fato, o enredo se demonstra peculiar, e trata-se de um moço curioso que viaja para a terra das artes mágicas, Tessália, e lá acaba envolvendo-se com uma escrava, cuja dona era feiticeira. O jovem, de nome Lúcio, pede para a escrava Fótis que lhe arrume o unguento da ama que transformaria ele em ave, contudo ela troca os potes, e acaba resultando da metamorfose, um burro. Para infelicidade de Lúcio, na noite que estava transformado e, portanto, recolhido a estrebaria devido a sua aparência, a casa de seu hospedeiro é assaltada. O burro, então, acaba por ser furtado e toda a trama se desenrola sobre as aventuras do jovem que se transformou em burro. E de histórias das quais ele ouve ou participa durante todo o trajeto, até sua redenção na procissão dos fiéis de Isis, essas histórias são envoltas de diversos personagens femininos.

Para ter uma melhor compreensão de quem é o autor é preciso apontar alguns elementos de sua trajetória. O autor do livro O *asno de ouro, Lúcio Apuleio*[2] era proveniente de uma família abastada, estudou Direito, Filosofia, e Eloquência, além de ser conhecedor de diversas ciências. Nasceu na cidade de Madaura, colônia romana na África, por volta de 125 d.C., morrendo em 170, na época da Dinastia dos Antoninos. Viveu durante o governo de Adriano, Antonino Pio e Marco Aurélio. Seu pai era um cidadão romano que teria ido a Madaura, juntamente com outros cidadãos para repovoar a região.

Em sua existência viajou ao Oriente, a Itália e a Grécia para refinar seu conhecimento, tendo na Grécia tido contato com a filosofia platônica, tornando-se um filósofo médioplatônico. Em uma de suas viagens, Apuleio adoece, interrompido de seguir viagem a Alexandria hospeda-se em Oea, cidade localizada no norte da África. Ali casou-se com a mãe de seu antigo condiscípulo Ponciano. A figura de Apuleio é permeada de mistérios, foi até mesmo acusado pela família de sua esposa de praticar magia para conquistá-la. Emília Pudentila, sua esposa, era uma viúva rica, e mais velha que ele. Para sua defesa escreveu o livro *Apologia* e demonstrou diante do julgamento, ter uma boa retórica, como bom advogado que era, sendo assim, absolvido:

---

1 APULEIO, L.; *O asno de ouro.* São Paulo: Ediouro, 1963, p.14.

2 Segundo Belchior diversos autores contemporâneos atribuem o nome Lúcio a Apuleio por considerar que *O asno de Ouro* é uma obra autobiográfica. No entanto, outros autores preferem chamá-lo de *Apuleius Madaurensis*, isto é, Apuleio de Madaura, nome que os antigos o chamavam. LIMA NETO, Belchior Monteiro. *Conflito Familiar, Vida Urbana e Estigmatização na África Proconsularis:* O caso de Apuleio de Madaura (século II d.C.).
Tese apresentada ao Programa de Pós -Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo , 2015.

> [...] a acusação de magia imputada a Apuleio e o processo de estigmatização de sua imagem como filósofo tinham relações íntimas com os conflitos cotidianos presentes na cidade de Oea, sendo uma consequência direta do rompimento de alianças familiares tradicionais, em decorrência do casamento de Apuleio com a rica viúva Emília Pudentila, e da considerável alteridade cultural que pôs em lados opostos Apuleio, um estrangeiro com costumes e valores considerados exóticos, e parte da elite da *civitas* de Oea[3].

Devido à má reputação movida pela acusação de feitiçaria em Oea, decidiu mudar-se para a cidade de Cartago. Foi um homem de grande influência em seu meio, devido a sua eloquência, chegando a ocupar grandes funções na alta sociedade. Além do O asno de Ouro, Apuleio escreveu *Apologia, Florida*, *De Deo Socratis, De Platone, De Mundo.*

Em sua obra, Apuleio nos apresenta o contexto do Império Romano do século II, mediante a difusão da *pax romana* sobre os territórios conquistados. Madaura, a cidade de nascimento de Lúcio, passou após a Segunda Guerra Púnica ao poder dos romanos, tornando-se uma importante colônia romana. O clima era de instabilidade, e se por um lado, a religião cristã começava a aflorar; de outro, entre os filósofos, alastrou-se o platonismo, acolhendo as divindades orientais, e os ritos egípcios, enfatizando um espiritualismo místico. O que fica perceptível na obra *O asno de ouro* é o culto a Ísis (Cibele em grego), que aparece como redenção do castigo da curiosidade de Lúcio, o personagem.

Ao analisarmos a obra *O asno de Ouro* de Lúcio Apuleio, um pensador do século II d.C, buscamos a interpretação do texto histórico, do seu contexto de produção e das intenções de Lúcio ao escrever a obra, assim como a sua trajetória. Isso tudo é primordial para a compreensão de forma mais minuciosa das representações do feminino presentes em sua obra.

Literatura: campo de possibilidades

A literatura pode ser utilizada na pesquisa histórica como uma representação da realidade, pois, apesar de conter o imaginário em suas narrativas, possui o real como referência. Assim, ela não nos permite chegar ao "fato em si", mas investigar possibilidades verossímeis de como as pessoas agiam, pensavam, temiam ou desejavam em um determinado

[3] LIMA NETO, Belchior Monteiro. *Conflito Familiar, Vida Urbana e Estigmatização na África Proconsularis:* O caso de Apuleio de Madaura (século II d.C.).Tese apresentada ao Programa de Pós -Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2015, p.19.

período histórico[4]. As relações entre mulheres e literatura foram sempre marcadas por relações de poder. Estas relações são produtoras de "verdades" e silenciam sujeitos. A tradição androcêntrica da literatura fez com que, por muito tempo, a experiência masculina se emaranhasse na experiência humana como uma só, ocultando a experiência das mulheres.

No que trata da Antiguidade é ainda mais problemático, devido à dificuldade que historiadores e historiadoras têm de encontrar fontes escritas por mulheres. As fontes as quais temos acesso são sempre narradas por homens, os donos do discurso. O que de forma alguma inviabiliza o trabalho, mas o deixa mais complexo e instigante, como é nosso caso com Apuleio. Nesse sentido, cabe a nós historiadores e historiadoras que pesquisam a temática das mulheres fazer uma outra história. Essa outra história terá que dar conta de investigar as formas com que as mulheres ocupam os espaços e se fazem presentes como sujeitos.

É a partir de suas vivências e relações sociais que os sujeitos atribuem significados e sentidos a realidade, que por sua vez, povoam seu imaginário. Este imaginário, varia, dependendo do tempo, do espaço, condição social no qual os sujeitos estão inseridos e, também a qual gênero pertencem. Nesse sentido, a literatura pode ser utilizada na história, pois é a expressão daquilo que um sujeito ou um grupo compreende como o real, podendo ser analisada como um discurso privilegiado de outros contextos. Sobretudo, abre possibilidades concretas para que pesquisadores e pesquisadoras do Brasil pesquisem Antiguidade.

Apesar do enredo de Apuleio se passar na Grécia, ele descreve uma realidade tipicamente norte-africana, de situações vivenciadas por Apuleio e pela sociedade à qual pertencia. A escolha da Grécia como lugar da narrativa deve-se ao fato da mesma ser considerada berço da civilização greco-romana. Apuleio dessa forma possuía valores romanos baseados na *paideia,* fazendo com que fosse encarado como estrangeiro e exótico pelos cidadãos de Oea. Até finais do século I, a região da Tripolitânia (norte da África) permanecia não muito influenciada pela romanização, em comparação com restante da região norte africana, não recebia imigrantes vindo da Península Itálica, nem colônias romanas[5].

O *asno de Ouro* teria sido provavelmente escrito na maturidade de Lúcio. A combinação do caráter amoroso ao de viagem presente em sua obra, também se faz presente em outra obra latina que influenciou Apuleio. Trata-se de *Satyricon,* obra de Petrônio, que teria inaugurado um novo gênero, estabelecendo assim, uma nova fase na Literatura Romana

[4] PESAVENTO, S. J; História & literatura: uma *velha-nova* história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. DOI: 10.4000/nuevomundo.1560. Acesso em: 29 jul. 2017.

[5] LIMA NETO, Belchior Monteiro. *Conflito Familiar, Vida Urbana e Estigmatização na África Proconsularis:* O caso de Apuleio de Madaura (século II d.C.).Tese apresentada ao Programa de Pós -Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

"[...] todos os gêneros elevados da época clássica, isto é, toda a grande literatura, era construída na área de uma representação distante, fora de qualquer possível contanto com o presente em seu caráter inacabado"[6].

A epopeia, gênero do passado, dos ancestrais, das lendas, daquilo que não pode ser mudado, que está isolado, é gênero que pertence ao mundo épico. Chegou até os nossos dias como um gênero acabado, que fala de um passado absoluto dos ancestrais, passado este que é sempre bom. É através da memória que a epopeia se constituiu, sobre a tradição dos ancestrais. Essa desconexão com o presente é a marca figuradora da epopeia. O romance pelo contrário, é a experiência, o futuro, está vivo. O presente inacabado era considerado pertencente a gêneros inferiores, como o cômico popular, considerado como uma das raízes do romance:

> O "passado absoluto" dos deuses, dos semideuses e dos heróis – nas parodias e particularmente nos travestimentos – "atualiza-se": rebaixa-se, é representado em nível de atualidade, no ambiente dos costumes da época, na linguagem vulgar daquele tempo[7].

Com um toque de ironia, é através de sua sátira que Apuleio nos revela minúcias do cotidiano romano, as tradições populares. A partir do riso popular, surge o que os gregos chamavam de sério-cômico, delas fazem parte a fábula, a primeira literatura de memórias e os panfletos. Todos estes citados são considerados percursores do romance. Segundo Bakhtin, o romance nasceu na Antiguidade e desenvolveu no período Moderno. Conforme Melo, 2010, na Antiguidade não havia uma terminologia para as prosas ficcionais, consideradas inferiores. A palavra *argumentum* era utilizada para designar o romance idealista grego do período entre I. a.C e IV d.C.

Para Bakhtin (1998) a obra de Apuleio se configura como romance de segunda linha, pois trata-se do romance da Antiguidade, de aventuras e costumes, na qual o tempo já está mais delimitado, aparecendo questões individuais dos sujeitos e a vida cotidiana da sociedade. A bivocalidade também é uma marca dessa segunda linha, que originou posteriormente, vertentes como o romance romântico moderno de Goethe. A bivocalidade presente no romance é a palavra que é usada para expressar a intenção (voz) do autor e a intenção (voz) do personagem. As intenções do autor da obra geram na fala dos personagens uma nova intenção, representando vozes, expressões e sentidos diferentes, sendo então altamente dialógica.

---

6 BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética : a teoria do romance*. São Paulo: Editora UNESP, 1998, p.411.

7 Idem, p.412.

Por fim, O texto literário pode ser considerado como um elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. Um mundo às avessas é apresentado na obra. Tlepólemo, o mais valente dos bandidos, salva-se vestido de mulher; todos os ladrões são chamados de "honestos", "cheios de mansidão" e de "heróis". As personagens femininas sujeitos das estórias de adultérios são chamadas "castas" e "fiéis"; a dama que tem relações com o asno é uma "excelente esposa" e de "classe nobre". Vênus é uma alcoviteira, uma sogra despeitada; Júpiter é um vulgar "paquerador" e cúmplice de Cupido; este é uma criança "levada" que transgride as ordens maternas. O romance latino, põe em relevo novas categorias artísticas, estranhas a literatura clássica: o gosto pelo excesso, o escândalo, a excentricidade, o contraste, a ironia.

A perspectiva feminista: um novo olhar sobre o feminino romano

Durante o enredo do livro nos deparamos com diversas figuras femininas do período romano do século II, e consequentemente, suas representações. A fonte *O asno de ouro,* nos deu um espaço importante para nos debruçarmos sobre o feminino do mundo latino. Sabemos que esse olhar crítico sobre as fontes e o estudo sobre as mulheres é algo recente, do começo do século XX. Antes disto, a historiografia romana centrava-se em estudos políticos e militares e nos "grandes personagens" do sexo masculino. As mulheres apareciam sempre em segundo plano, como meras coadjuvantes da história dos homens. Quando obtinham poder efetivo de mudança político-social, o faziam, segundo essa historiografia, por meio da "sedução sexual" e dentro do âmbito privado. A figura da mulher na historiografia dessa forma era: limitada, subjugada e homogênea.

Em 1929, a Escola dos Annales surge com novas perspectivas historiográficas, dando visibilidade as classes consideradas excluídas e oprimidas. Entretanto, esses estudos eram ainda muito generalizantes e fixavam a história sobre o viés masculino, como se este representasse ambos os sexos. Foi somente em 1960, com os movimentos feministas, que a presença das mulheres, ocultadas na História, foi reivindicada:

> [...] foi em fins dos anos 1970, início de 1980, que novos enfoques teóricos e novas metodologias de trabalho fizeram que muitas pesquisas fossem revisadas. A inovadora teoria de gênero e a influência das teorias pós-modernas proporcionaram um posicionamento crítico em relação a imagem das mulheres que a historiografia havia construído. A própria literatura como fonte documental passou a ser vista como discurso: os estudiosos das mulheres buscariam então pesquisar o discurso do masculino sobre o

> feminino ou, como fizeram alguns autores, o discurso feminino presente no discurso masculino[8].

Nesse sentido, ao trabalharmos com a fonte nos atentamos para o discurso de Apuleio sobre as mulheres, buscando dentro da manifestação escrita do autor encontrar as ações femininas. Ainda, compreender os mecanismos de atuação das mulheres latinas, explorando suas singularidades, a forma como agiam e reagiam dentro do sistema a qual faziam parte, tratando-as como sujeitos sociais que são.

> [...] a pesquisa feminista recente por vezes contribui para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude de seus papeis, e mesmo a coerência de sua "cultura" e a existência de seus poderes[9].

A obra *Os excluídos da história* de Michelle Perrot, apesar de tratar de uma pesquisa sobre Paris do século XIX, nos ajudou a refletir de maneira geral, mas mais especificamente em como a mulher romana vem sendo tratada na historiografia. Nesse interim, observamos que salvo exceções, a maioria das leituras sobre a temática das mulheres na fonte *O asno de ouro,* buscava comprovar, mesmo que nas entrelinhas, ou implicitamente, a historicidade da mulher romana retratada em Apuleio.

Sob a luz do pensamento de Perrot, começamos a olhar com outros olhos as personagens femininas presentes na fonte. Entendemos que pelo motivo do estudo das mulheres ser algo recente, (devido ao ocultamento desta na história anteriormente), esses trabalhos tentam verificar se a atuação feminina existiu ou não. Nisto, acabam caindo inocentemente em um discurso raso, apresentando as mulheres como meras coadjuvantes, o que de fato, não é a intenção dessas novas abordagens. Defini-las como "submissas" ou "ativas", nos parece muito simplista, pois são possuidoras de muitas personalidades, assim como os homens. A mulher não precisa provar a sua historicidade, ela existe e sempre existiu, elas sempre foram agentes modificadores de seus meios. Partindo do pressuposto que a história delas existe e de que tem sido apagada, é sobre isso que temos que relutar. Precisamos falar sobre as mulheres e não provar sua historicidade.

O que no nosso texto detectamos é que muitos historiadores parecem querer provar essa historicidade, como se fosse preciso. Precisamos deste modo, escrever sobre as mulheres,

---

8 CAVICCHIOLI, M. R; A posição da mulher na Roma Antiga: do discurso acadêmico ao ato sexual. FUNARI, P. P. A, FEITOSA; L. C.; SILVA, G. J. (org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: Relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 289.

9 PERROT, M.; Mulheres. *Os excluídos da história.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 169.

somente porque são sujeitos da sociedade. A obra de Apuleio é sublime neste sentido, pois as personagens retratadas agem cada qual de formas especificas e individuais, e, portanto, nos dão alguns exemplos, que apesar de fictícios, carregam o real do cotidiano dessas mulheres romanas como referente. Nós tencionamos dessa forma, ultrapassar os discursos conservadores de nosso tempo e enxergar atrás da "opacidade" na manifestação escrita masculina de Apuleio as ações e reações do feminino, e retratá-las. Muito mais do que provar sua veracidade ou não.

Respaldados desta forma sobre uma análise mais contemporânea da historiografia dos estudos das mulheres, nos atentaremos para a construção dos papéis sociais que são definidos culturalmente e não de forma biológica. A partir disso, traçar o que era ser feminino e masculino na sociedade do século II, como se constituíam e organizavam essas relações sociais. Com base na nossa fonte *O asno de Ouro*, compreender até que ponto e de que forma a supremacia masculina era exercida na vida cotidiana dessas mulheres. Buscamos desprender-se de uma visão dicotômica, que por vezes se faz presente na história, em que o masculino e o feminino são sempre representados como: o homem ativo/forte e mulher submissa/frágil.

As personagens mulheres presentes em O asno de ouro são desde figuras da alta sociedade, até mulheres menos abastadas. Com essa obra, conseguimos debater com personagens, como por exemplo, Méroe, Pância e Fótis, demonstrando as ações que estas praticavam, que por vezes, extrapolavam as fronteiras domésticas. No caso de Méroe e Pância, fica ainda mais notório, pois eram mulheres que possuíam certa autonomia, não possuíam marido, tinham determinada "liberdade sexual", e dominavam as artimanhas da feitiçaria. O que as diferenciava no meio social "Alugada, vendida, raptada ou abandonada, em Roma como em Atenas, a prostituta é o símbolo da liberdade [...]"[10]. Assim, desempenhando intervenções em prol de seus interesses, usavam de mecanismos como, a sedução e a feitiçaria, para conseguir seus objetivos e ascender socialmente. A historiografia romana tradicional, focava-se nas mulheres "célebres" de categorias abastadas, que até então, acreditavam-se serem restritas ao espaço privado. A obra de Apuleio nos deixa transparecer sujeitos sociais "comuns", como a escrava Fótis, ou as irmãs Méroe e Pância, donas de bordel.

Omena em *As estratégias de afirmação social das mulheres no romance O asno de ouro*, *de Lúcio Apuleio*, demonstra como as mulheres utilizam de mecanismos contra a opressão para fugir do controle. O casamento é um exemplo disto pois "nas Metamorfoses a sexualidade e as práticas mágicas são tomadas por expressões de poder feminino, por serem condutas que

[10] SALLES, C; O mundo latino: a cidade. *Nos submundos da Antiguidade*. Paris: Robert Laffont, S.A, 1982, p. 175.

possibilitavam uma maior autonomia destas no espaço matrimonial"[11]. A personagem de Birrena, enfatiza que sua irmã se casou com um homem de posição social elevada, e que ambas se diferenciariam por esse motivo. O casamento era um significativo símbolo de uma cultura dominante romana, que se funda, em geral, a partir da construção de uma autoimagem conservadora, pois o que importava era o forte senso de continuidade das tradições e a aceitação das leis.

A fonte *O asno de ouro*, foi escrita por um homem, e esse viés masculino apresenta alguns discursos que podemos considerar como conservadores sobre os comportamentos que seriam os desejáveis para as mulheres aparecem em sua obra, ficando visível na personagem Caridade, que é evidenciada pelo seu papel de "mulher respeitosa", submissa. Assim como nas lendas romanas, o discurso sobre as mulheres que enalteciam a perspectiva da "boa moça", extrapola esses enredos míticos. "As mulheres decentes não questionavam a opinião dos homens mais velhos da comunidade, e as mulheres decentes também não se enfeitavam tanto, a ponto de chamar à atenção. Para que desejariam elas parecer atraentes a homens que não fossem seus próprios maridos?"[12]. Exemplo como o citado acima, era espécie de sermão e tinha por finalidade a aceitação dos preceitos morais e do autocontrole da população feminina. Neste sentido, demonstram muito mais a expressão do masculino sobre o feminino, do que realmente a realidade dessas mulheres romanas.

A princípio, é necessário compreendermos o que a moral vigente na época definia como papel do feminino, ou melhor, qual era o ideal de mulher romana do século II? A discrepância entre os sexos começa na distinção que se faz sobre a escolaridade "Aos doze anos os destinos de meninos e meninas se separam, assim como os destinos dos ricos e dos pobres. Somente os meninos, se pertencem a uma família abastada continuariam a estudar, [...] com exceção, algumas meninas"[13]. Ao atingir os doze anos, a mulher encontrava-se em idade núbil para casar, aos quatorze já era considerada uma mulher adulta e deveria ser chamada de *domina*, isto é, senhora. Uma mulher romana "honesta" deveria saber fiar, cantar, dançar e tocar um instrumento.

A mulher dessa maneira, tinha a função de torna-se aquilo que um homem, e necessariamente o marido, gostaria de ter como companhia ao seu lado. Ou pelo menos, esse era o papel que se estabelecia ao feminino do período. Em contrapartida, observamos através

11 OMENA, L M; GOMES, E. M; Casamentos e magia nas Metamorfoses. *MENME- Revista de Humanidades*, UFRN, v. 12, n. 30, p. 157- 177. Semestral. 2011, p.158.
12 GARDNER, J. F; Mulheres lendárias. *Mitos Romanos*. São Paulo: Centauro, 1993, p. 57.
13 VEYNE, Paul. *Sexo e poder em Roma.* Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.30.

da estória do personagem Telifrão, em *O asno de Ouro,* que essa moral da mulher "honesta" é colocada em cheque. O que nos faz indagar até que ponto esse ideal se fazia realmente presente na vida prática desses sujeitos, no seu dia-a-dia. Ou se não se trata apenas de um discurso masculino a fim de frear as ações das mulheres, longe da realidade cotidiana romana. A estória de Telifrão é contada aos convidados durante um banquete na casa de Birrena, irmã da mãe de Lúcio, na qual ele está presente como convidado:

> Então armando-se de audácia, a virtuosa esposa opôs as peremptórias acusações do marido um desmedido sacrilégio. A multidão se partiu em diversas tendências, as opiniões se dividiram: uns queriam que tão odiosa criatura fosse enterrada viva, imediatamente, com o corpo do marido, outros sustentavam que não se devia acreditar nas falsidades de um cadáver[14].

No trecho acima, o termo utilizado por Apuleio "virtuosa esposa" é empregado de forma sarcástica no enredo. Isso porque na narrativa os personagens têm o conhecimento de que a mulher narrada é a culpada do crime de matar o marido, o que concretizado na frase de Telifrão "tão odiosa criatura". Ao caracterizar sarcasticamente a conduta da mulher na narrativa, observamos a existência de ideais de virtudes femininas das quais as mulheres deveriam possuir. No entanto, a mulher analisada perpassa a conduta ideal de boa esposa ao matar seu marido.

Nesse sentido, a mulher analisada na estória contada por Telifrão personagem presente na obra *O asno de Ouro,* é um exemplo a não ser seguido. "Armando-se de audácia", as mulheres consideradas audaciosas nas lendas romanas eram sempre associadas a ações que reforçavam as consideras boas condutas a uma mulher da época. Eram sempre figuras femininas que pensavam na honra da família e do marido em primeiro lugar. De maneira sarcástica novamente, Apuleio por meio do personagem Telifrão utiliza-se do termo "audaciosa".

O termo "audaciosa" presente nesse fragmento da fonte nos remete a obra de Gardner (1999), na qual a autora trabalha com lendas romanas (Tarpéia, a traidora; Clélia, a boa moça; Virginia; a virgem) que eram lendas nas quais tinham o objetivo de estimular a aceitação dos preceitos morais, do autocontrole e da disciplina das mulheres. Apesar da intencionalidade do discurso de Apuleio ser pejorativa ao olhar para o feminino, esse fragmento demonstra a ação de uma mulher na sociedade, que foge do padrão estabelecido e do ideal de "boa moça".

[14] APULEIO, L.; *O asno de ouro.* São Paulo: Ediouro, 1963, p.42.

Este ideal de mulher romana do século II, entretanto, não conseguia abranger todas as mulheres, pois nem todas pertenciam a aristocracia. Desse modo, as mulheres das classes subalternas tinham que procurar alternativas para trazer seu sustento. A prostituição tornava-se uma realidade para as moças pobres romanas "[...] as mães poucos escrupulosas, prontas a oferecer seus filhos [...] aos que desejarem, na medida em que, com frequência, é esse o modo de não morrer de fome"[15]. No entanto, essas mulheres possuíam uma maior autonomia em relação as demais, como é o caso de Méroe de O asno de Ouro, a personagem que é dona de bordel "O dono de uma casa de prazer vizinha, e que, por isso mesmo, lhe fazia concorrência, foi trocado por ela em rã"[16].

Percebe-se nesse trecho acima, a autonomia de Méroe, que é pertencente a camada popular, possui um bordel que lhe oferece independência financeira, não necessitando de marido para fornecer seu sustento. A personagem de Méroe possui liberdade para deslocar-se pelas ruas durante a noite (atravessa o meio privado e vai para o público), e é sempre referenciada pejorativamente como velha e maléfica, em O asno de ouro, a magia sempre aparece atrelada a figura da mulher. É um meio de desqualificar as mulheres que de alguma forma enfrentam a dominação masculina. No fragmento Apuleio descreve Méroe como uma comerciante concorrente do comércio vizinho, ou seja, Meroé disputa com um homem o espaço comercial.

No entanto, não devemos restringir as ações das mulheres aos espaços sociais que elas ocupam, pois, suas ações extrapolam essas questões "[...] oriundas ambas da família de Plutarco, sugáramos juntas o leite da mesma ama e crescêramos como irmãs em estreita intimidade. Não há diferença entre nós senão a posição social, pois tua mãe desposou um alto personagem, eu um simples cidadão"[17] nesse trecho, o personagem Lúcio encontra-se com Birrena, irmã de sua mãe. Podemos perceber na fala de Birrena que está compreende o casamento como forma de promoção social, pois existiu uma intencionalidade no casamento da mãe de Lúcio. Sendo a união do casamento dessa maneira, uma estratégia de ascender socialmente, de conseguir prestígio social. Ao mesmo passo que entendemos que Birrena teve oportunidade de escolha ao casar-se, tendo que arcar com alguns "prejuízos" posteriormente. Percebemos assim, que mesmo no espaço do privado a mulher tinha autonomia (mesmo que restrita), para agir socialmente. Nesse sentido, percebemos que as mulheres usavam dos mecanismos de opressão que eram usados contra elas, a seu favor.

---

15 SALLES, C; O mundo latino: a cidade. *Nos submundos da Antiguidade*. Paris: Robert Laffont, S.A, 1982, p. 176.

16 APULEIO, L.; *O asno de ouro.* São Paulo: Ediouro, 1963, p.19.

17 APULEIO, L.; *O asno de ouro.* São Paulo: Ediouro, 1963, p.29.

Nesse interim, também podemos analisar o papel da personagem Psiquê, pois nele observamos um rompimento com a historiografia da qual defende que a mulher é apenas controlada e dependente do *pater familias*. Segundo Omena[18] as relações e ações femininas são banalizadas ao extremo, apoiando-se na aceitação unívoca da ideia de autoridade do *pater familias*. Psiquê, no entanto, ultrapassa essa perspectiva, possuindo diálogos com o marido, dentre os quais, tenta convencê-lo de manter relações sociais com pessoas de fora da casa, o que até então era proibido a ela. Sendo a sua vontade não atendida, Psiquê infringi a autoridade do marido.

Ao final, podemos concluir que uma definição apenas acerca do feminino é reduzir sua importância. Defini-las como "submissas" ou "ativas", nos parece muito simplificador e limitador, pois são elas possuidoras de muitas personalidades, assim como os homens. A mulheres desse modo, não precisam provar a sua historicidade, pois ela existe e sempre existiu, pois, também são elas agentes modificadoras de seus meios. Isto foi demonstrado nessa pesquisa através das personagens presente em "O Asno de Ouro" das quais extrapolam essas classificações conservadoras e patriarcais acerca da mulher. Partindo do pressuposto que a história das mulheres existe e de que tem sido apagada, é sobre isso que temos que relutar, e é o que propomos nas reflexões dessa pesquisa. Precisamos discutir mais sobre mulheres na história e não provar sua historicidade.

[18] OMENA, L. M; As estratégias de afirmação social das mulheres no Romance O asno de ouro, de Lúcio Apuleio. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v.34, p. 65-88, Semestral. 2001.